

Globethics Repository



Precisamos de uma ética da suficiência [We need an ethics of sufficiency]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Gardner, Gary
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-13 12:37:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163303

de valores de troca através do mercado generalizado, que engendra lucros para os capitalistas, exploração para os trabalhadores do Norte e do Sul, e destruição da natureza. A limitação drástica dos ataques ao meio-ambiente e, portanto, da produção de valores de troca incorporados no sustento material físico, não implica, necessariamente, em uma limitação da produção de valores de uso através de produtos imateriais. Estes, ao menos em parte, podem conservar uma forma comercial. No entanto, se o mercado e o lucro podem persistir como incitadores, eles não podem mais ser os fundamentos do sistema. Isso implica, portanto, em uma verdadeira subversão do poder dominante atual das empresas multinacionais. Pode-se, claro, conceber medidas progressivas por etapas, mas é impossível dizer se elas serão aceitas passivamente pelos “privilegiados” que seriam suas vítimas, nem desejadas pelas atuais vítimas do sistema, que estão, mentalmente ou fisicamente, *drogadas* pelo mesmo. A *desmercadorização* necessária do trabalho, da terra e da cultura não seria nociva à existência de mercados, mas nos distanciaria do espectro de uma sociedade de Mercado⁴. Tudo isso, combinado ao incentivo a formas alternativas de organização coletiva, contribuiria para a reinserção do econômico no social. Esta marcha em direção a uma sociedade de *decrescimento* deveria ser organizada não apenas para preservar o meio ambiente, mas também e, talvez, antes de mais nada, para restaurar um mínimo de justiça social, sem a qual o planeta está condenado à explosão.

PRECISAMOS DE UMA ÉTICA DA SUFICIÊNCIA

Entrevista com Gary Gardner

*Entrevistamos, por telefone, o diretor de pesquisas do Worldwatch Institute, Gary Gardner, especialista na relação entre religião e meio ambiente. O Worldwatch Institute é uma ONG americana localizada em Washington DC, de onde Gary Gardner concedeu a entrevista em espanhol. Essa ONG produz, todos os anos, um relatório sobre a degradação ambiental no globo terrestre, conhecido como **Relatório Anual Estado Mundo**. Esse relatório é considerado a “bíblia” do movimento ambientalista, traduzido em mais de trinta línguas, inclusive o português. O livro com o relatório de 2004 ainda não foi traduzido para português. Antes de ingressar no Worldwatch Institute, em 1994, Gary Gardner era gerente de pesquisa do projeto soviético “Nonproliferation” e do programa de treinamento do Instituto Monterey de Estudos Internacionais, na Califórnia. Lá escreveu **Nuclear Nonproliferation: A primer** (Não proliferação nuclear: um manual). Boulder: L. Rienner Publishers, 1994), também publicado em espanhol e em russo. Desenvolveu pesquisas em treinamento para o Banco Mundial e para o Instituto Millennium, em Arlington, Virginia, EUA. Gary Gardner é mestre em política pela Universidade de Brandeis, e em Administração Pública pelo Instituto Monterey de Estudos Internacionais.*

IHU On-Line- Como o senhor vê o debate entre desenvolvimento sustentável e decrescimento?

Gary Gardner- Devemos distinguir entre o crescimento de produtos e da economia geral. Podemos ter um crescimento na economia, sem ter, necessariamente, um crescimento na produção de coisas. Um desafio que temos agora em muitas economias é: como podemos dar às sociedades o que necessitam sem aumentar o uso de matérias-primas, de energias. Isso necessita um novo estilo, um novo desenho da economia. Por exemplo, na Europa e nos EUA,

⁴ Sobre essa distinção/oposição entre Mercado (uma abstração da teoria econômica) e mercados (que se dão concretamente nas praças urbanas, lugares de encontro), fazemos referência ao último capítulo de nosso livro *Justice sans limites* [Justiça sem limites]. (Nota do entrevistado)

estamos começando a praticar o que chamamos de *CarShare*. Trata-se de compartilhar carros: nem todos necessitamos de um carro, menos ainda de dois carros, podemos utilizar um serviço de carros. Há carros estacionados na cidade, disponíveis para quem quiser utilizá-los, e se cobra por quilômetro rodado e por hora, e as pessoas que participam não precisam pagar seguros, manutenção nem sequer gasolina. É um exemplo de como atender às necessidades da sociedade de transporte sem que todo o mundo possua um carro. Temos que expandir este exemplo para toda a economia.

IHU On-Line- O aumento de veículos de transporte foi uma constatação do relatório sobre o estado do mundo. Que consequências traz esse aumento?

Gary Gardner- O número de carros está aumentando muitíssimo especialmente nos países em via de desenvolvimento. O livro *Estado do Mundo 2004* focaliza a sociedade de consumo, que é mais um problema da América do Norte e da Europa, mas vai se expandindo nos países em via de desenvolvimento, por exemplo na China. Somos nós, os países do norte, que temos que mudar nossos padrões de consumo. Mas, acho que todos juntos devemos pensar em outro padrão de consumo, como o exemplo dos carros que serviria para a China também.

IHU On-Line- Consumismo desenfreado é a maior ameaça atual da humanidade. Quais seriam as características mais nocivas desse estilo de vida?

Gary Gardner- O consumo está crescendo até nos países mais ricos. Parece que não estamos satisfeitos com o que temos. Cada ano queremos consumir mais, e isso tem um custo muito alto para o meio ambiente. Até a vida pessoal vai sendo sacrificada pelo consumo. O produto bruto mundial aumentou em mais de 150% desde 1970, enquanto o índice do Planeta Vida⁵, que registra a saúde ecológica do planeta, decresceu 35% no mesmo período. Assim, a economia cresce, e a saúde do planeta decresce. Muitos problemas da ecologia estão vinculados ao consumo. Também temos, aqui nos EUA, um grande problema social com o consumo. Sessenta e cinco por cento dos adultos são obesos, além disso, grande parte da sociedade está endividada por levar uma vida de grande consumo, 70% das pessoas não pagam as dívidas de seu cartão de crédito. Essa dívida é, na média, de 11 mil dólares. Torna-se uma grande pressão para as famílias manter a vida de consumo. Também há um problema de tempo, para manter esse estilo de vida, já que as pessoas têm dois trabalhos para poder gastar à altura do consumo desenfreado, significando menos tempo dedicado à família e aos amigos. Não temos a qualidade de vida que queremos. Hoje em dia, tenho certeza de que há muitas pessoas nos EUA dispostas a trocar o aumento de seu salário por mais tempo livre.

IHU On-Line- Conforme o livro Estado do Mundo 2004, a sociedade americana, constituída por menos de 5% do planeta, gasta 25% do carvão, 26% do petróleo, 27% do gás natural... Está havendo uma consciência das consequências desse superconsumo e da urgência de mudar os padrões de vida?

Gary Gardner- Devo dizer que não. Essa consciência não existe. Por isso enfatizamos, no relatório, o custo pessoal, para tentar despertar ou provocar essa consciência. Desafortunadamente, muitas pessoas são indiferentes diante do dano que estamos fazendo ao planeta, tirando oportunidades a outros países de acesso a esses recursos. Infelizmente, não

⁵ O PLANETA VIDA é uma organização não governamental que tem a missão de levar a todas as pessoas uma conscientização dos vários problemas que surgiram em consequência da organização atual de nossa civilização. (Nota do IHU On-Line)

são essas as coisas que motivam o nosso povo, por isso temos destacado o custo pessoal do consumo, para que as pessoas possam ser um pouco mais críticas e motivadas a mudar seus padrões de vida.

IHU On-Line- Quais as coisas que mais o surpreenderam no livro *Estado do Mundo 2004*?

Gary Gardner- Que nos Estados Unidos uma casa nova hoje é 38% maior que uma casa nova em 1975. Que este país, que tem um padrão de vida muito alto, há muito tempo, ainda não está satisfeito. Sempre queremos mais, isso chega a ser assustador. Mas também a taxa de crescimento do consumo em países em vias de desenvolvimento me surpreendeu. Não podemos criticar esse desenvolvimento, porque as pessoas desses países querem ter mais oportunidades, maior conforto nas suas vidas, ninguém pode condenar isso.

IHU On-Line- Como mudar o imaginário de felicidade, de necessidades básicas, separando-o do consumismo?

Gary Gardner- Essa é a pergunta mais importante a se fazer. Devemos pensar profundamente no que quer dizer desenvolvimento. Sempre falamos em desenvolvimento como aumento do poder aquisitivo. Seguramente nos países mais pobres se necessita esse crescimento, mas nos países mais ricos, não necessitamos, pois já o temos. Precisamos, sim, de uma ética de suficiência para apreciar o que temos e valorizar as coisas que realmente queremos. Por exemplo, queremos relações mais fortes com os vizinhos e familiares, queremos mais tempo: essas são as coisas de que mais necessitamos e que a sociedade de consumo não vai nos dar. Precisamos de uma mudança nos valores frente ao consumo. Nesse sentido, acho que as religiões podem ajudar bastante. Durante muitos séculos, as religiões nos ensinaram que o materialismo pode nos corromper, pode ser algo mau para o espírito e necessitamos esses ensinamentos mais do que nunca agora, embora as religiões estejam meio silenciadas em relação a essa pregação. Muitos desses grupos têm um interesse em apoiar o *status quo* e, muitas vezes, se servem da sociedade de consumo. É um problema complexo e, no fundo, é cultural.

IHU On-Line- Acha que o cristianismo deveria dar uma maior contribuição na busca de caminhos alternativos ao consumismo?

Gary Gardner- O materialismo está atacando os valores que são centrais a muitas religiões, sobretudo ao cristianismo que destaca o valor de cuidar o próximo, o valor de pagar um salário justo a um empregado. Esses valores são atacados em sua raiz pela sociedade de consumo. Eu acho que o cristianismo teria muito interesse em pensar de novo sua postura frente ao consumo, já que isso faz parte de suas raízes, de seus ensinamentos básicos.

IHU On-Line- Por que o discurso sobre desenvolvimento sustentável está mais presente nas campanhas eleitorais que nas práticas dos governos eleitos, sejam eles de esquerda ou de direita?

Gary Gardner- Acho que nós, os que defendemos o desenvolvimento sustentável, não soubemos vender a idéia em termos positivos. Ao falar em desenvolvimento sustentável, muitas vezes, estamos dizendo que não podemos ter tal coisa, fazer tal outra, uma mensagem negativa que não atrai muita gente. Teríamos que saber comunicar uma visão de um mundo mais justo no qual possamos atender às necessidades de todos e cuidar a terra em que vivemos. Devemos fazê-lo em termos específicos, concretos e positivos. Isso não aprendemos a fazer até o momento. Assim, quando os políticos estão no governo, enfrentam muitas

pressões e não sabem como integrar positivamente, ou seja, implementar o desenvolvimento sustentável.

IHU On-Line- Como vê o Brasil, um país tão rico em biodiversidade e tão desigual na sua sociedade?

Gary Gardner- Quando falamos da classe de consumo no relatório, vemos que, no Brasil, 33% da população são membros dessa classe de consumo. Há no País bastante prosperidade e, ao mesmo tempo, grande pobreza e desigualdade. Também há muitos exemplos brasileiros positivos que nos inspiram em nosso trabalho. Sempre olhamos a cidade de Curitiba que tem um modelo de desenvolvimento diferente do utilizado nos Estados Unidos e na Europa. Por exemplo, em relação ao transporte, os ônibus têm a mesma eficácia que o metrô subterrâneo, com um custo bem menor... Os curitibanos utilizaram a imaginação e responderam à necessidade do povo, dessa forma alcançaram esse modelo. Há muitos outros exemplos, não só no Brasil, mas também em outros países da América do Sul, mostrando-nos que há outras formas de desenvolvimento, que o desenvolvimento não passa sempre por muito investimento de capital, aumentando o PIB como é o enfoque dos políticos. Há outras coisas que podemos enfatizar.

IHU On-Line- Tendo em vista o futuro, em que aspectos podemos ser otimistas e em que aspectos devemos ser pessimistas?

Gary Gardner- Eu sempre digo que sou otimista. Mas depois de terminar o livro *Estado do mundo* e entender melhor as dificuldades que precisaremos enfrentar para chegar a um mundo sustentável, fiquei um pouco pessimista. O consumo é algo tão profundamente arraigado em nós que é muito difícil mudá-lo, por mais que tenhamos bons exemplos na Europa de como se pode mudar a infra-estrutura do consumo. Os europeus têm um imposto sobre a energia como incentivo para utilizá-la menos, também baixaram os impostos na segurança social para incentivar a abertura de novos postos de trabalho. É uma idéia muito inteligente para mudar os incentivos do consumo. Há muita coisa que está se fazendo. Nesse sentido, sou muito otimista. Mas, no fundo, devemos também mudar a ética do consumo, mudar a infra-estrutura não é suficiente. Precisamos, especialmente os americanos, uma nova ética do consumo, e isso vai ser muito mais difícil. Ter a disciplina de limitar nosso consumo, a disciplina de dizer “Não necessito mais do que já tenho. Chega, é suficiente”. Desse modo, vejo a urgência da colaboração das religiões e de outras instituições que nos ajudam a formar os valores da sociedade. Sem essa mudança na ética de consumo, sou muito pessimista.

REDEFINIR AS NECESSIDADES BÁSICAS

Entrevista com Marcel Bursztyn

*O coordenador do PPG do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), Marcel Bursztyn, concedeu-nos uma entrevista por telefone na última semana. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Planejamento Urbano e Regional também pela UFRJ. Fez doutorado em Economia na Université de Picardie, em Paris, na França, e doutorado em Desenvolvimento Econômico e Social na Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), em Paris. Pós-doutorou-se pela Université de Paris XIII, em Villetaneuse, em Paris, e na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Entre seus livros publicados citamos **O País das Alianças: Elites e Continuísmo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990; **Da Utopia à Exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro/ Brasília: Garamond/ Codeplan, 1997; **Cristovam Buarque: O Semeador de Utopias**.*